

# O PHAROL TRANSMONTANO.

PERIÓDICO MENSAL

DE

INSTRUÇÃO E RECREIO.

N.º 2.

## AGRICULTURA (\*).

Diversos erros e prejuizos no tocante á verdadeira natureza, e ao fim do numerario na sociedade civil, complicaram por largo tempo o systema monetario dos Povos: hoje, porém, graças aos progressos e aos luminosos principios da sciencia, a moeda já se não considera um *mero signal*; nem tão pouco nos metaes preciosos se faz consistir a riqueza nacional, como pensaram os *mercantis*, e geralmente se acreditou, sendo ainda ponto de fé, mormente para o vulgo, que tão facilmente se leva e decide pelas apparencias das cousas.

A analyse rigorosa dos elementos, que formam a grande massa dos valores nacionaes, deixa ver com evidencia que o ouro e a prata, tão longe de constituirem aquella riqueza na sua totalidade, são della apenas uma fracção, e uma fracção que muitas vezes avulta proporcionalmente bem pouco.

É pois a moeda um instrumento do commercio, mas sempre e em todo o caso uma mercadoria como as outras; como ellas tem um valor real e effectivo, que se fixa e regula no mercado; e como as mesmas, segue constantemente as invariaveis leis do *pedido* e da *offerta*.

Se, porém, a abundancia do numerario superior ás necessidades da circulação se torna forçosamente incommoda, estorvadora, e diremos mesmo damnosa em quanto im-

productiva; a sua escassez, transcendendo certos limites que não são arbitrarios, produz effectos não menos funestos e prejudiciaes, sobretudo no sertão de uma Provincia, aonde sendo mais sensivel, hade inevitavelmente affectar em grão mais subido a sua respectiva producção interna. Na verdade é esta uma das causas bem poderosas, que tão desastrosa e nociva influencia estão exercendo sobre a nossa agricultura.

O Districto não produz valores iguaes ao seu consumo. Os productos agricolas que deveria exportar para com o seu preço obter as mercadorias que carece de importar, não tem saida, nem pela maior parte podem concorrer com vantagem nos mercados, tanto pelo atraso nos aperfeiçoamentos da producção, como por as diversas causas topographicas e economicas a que alludimos em o nosso numero precedente: mas como ao passo que sobrepujam e barateam os productos locais estagnados, o numerario tem escaceado e encarecido a um ponto extraordinario, é manifesto que os nossos agricultores, á mingua de muitos objectos de importação, cujo custo é sempre acrecido com

(\*) O presente artigo deve considerar-se em continuação do que terminámos a paginas 6 do 1.º numero. — Observaremos por esta occasião, que tão somente depois de concluida a descripção agronomica do Districto, começaremos com a doutrina dos aperfeiçoamentos respectivos.

o de transportes peçados e difíceis, mas de que não obstante não podem prescindir, começarão, para os haver, por desfazer-se dos seus generos por um preço infimo, e muitas vezes inferior ao *originario*; até que, depois de exhaustos todos os recursos, e de experimentar talvez bem duras privações, não terão remedio senão tocar na *arca santa* dos capitães e da propriedade; expediente em que nem por isso serão mais bem succedidos, porque nesta conjunctura a offerta excede por via de regra o pedido, o que em ultima analyse dá um resultado cada vez mais desfavoravel para quem vende.

Por outro lado, tanto as soldadas dos creados, como em geral os jornaes dos operarios, tão longe de haverem baixado em harmonia com o preço dos generos, bem pelo contrario tem alteado na razão da carestia do numerario; o que, a nosso entender, se explica facilmente, se se attender bem a que a nossa classe trabalhadora, genericamente fallando, não é composta de proletarios; poucos haverá no Districto a quem não toque a sua *gleba* na illimitada divisão da propriedade, e a maior parte tem, para assim nos explicarmos, o seu *pão quotidiano*: o que, conjunctamente com o diminuto preço dos cereaes e dos mais productos do solo, lhes ministra meios de subsistencia em abastança proporcional às suas necessidades, torna-os algum tanto negligentes para o trabalho, e os constitue em uma especie de independencia dos grandes proprietarios; ao mesmo tempo que estes não podendo desistir, pela natureza das produções do Paiz, dos seus braços e dos seus serviços em tempos periodicos e determinados dos grangeios, das ceifas, e das colheitas, estão collocados na restricta precisão de os aceitar, por mais desvantajosas que sejam as suas condições e as suas exigencias.

Do que temos exposto, com facilidade poderão inferir nossos leitores:

1.º Que a *cultura em grande*, no nosso Districto, hade necessariamente offerecer um aspecto pouco lisongeiro.

2.º Que o lavrador menos abastado, em quanto na sua pequena labutação emprega

sómente os seus braços e os da sua familia, ou quando muito se estende a uma permutação de serviço com os seus visinhos — não despendendo em commodidades que não conhece, e restringindo o seu consumo e as suas grosseiras necessidades aos objectos de propria lavra — e de mais, contando regularmente com o seu jornal em todos os dias que lhe ficam disponiveis no decurso do anno — esse sentirá muito menos aquelles effeitos, e estará a salvo de uma boa parte dos inconvenientes ponderados.

3.º Que é ainda pelos mesmos principios que se decifra a tendencia dos *grandes proprietarios* a dar de arrendamento as suas fazendas menos rendosas, as quaes não podem fazer cultivar sem perda, ao mesmo tempo que ao agricultor que as toma e as fabrica por suas mãos, satisfeita a renda, ainda deixam algum beneficio, posto que modico; o que em outras circumstancias sem duvida seria um verdadeiro paradoxo.

4.º Que o nosso systema de contribuições geraes e especiaes, consistindo quasi todas em dinheiro de contado, hade inevitavelmente ser muito mais gravoso para o nosso Paiz, do que o será para outro em posição mais vantajosa.

Os agronomos costumam distribuir a cultura em *grande*, e *pequena*, conforme ella admite ou não *divisão do trabalho*.

Comtudo a agricultura não póde competir, neste particular, com a industria fabril, que é de todas a mais susceptivel daquella divisão; os mais importantes motores da primeira são o homem e os animaes, na applicação do vapor apenas se tem feito alguns ensaios, e a charrua é quasi o unico dos instrumentos aratorios, que podem classificar-se na ordem das machinas; por outra parte, os serviços campestres, desde o primeiro ao ultimo, estão dependentes do estado das terras, da variedade das estações, e de infinidade de circumstancias meteorologicas: o que tudo contribue para excluir dos trabalhos ruraes aquella regularidade, precisão, e *monotonia*, proprias da industria e officinas fabris.

Em vista disto, aquella classificação um pouco ideal e abstracta, por carencia de

fundamento real e positivo, foram substituídas outras mais praticas e exactas.

Por sua clareza e simplicidade, e ao mesmo tempo pela melhor applicação ás nossas circumstancias peculiares, assentamos dever dar preferencia á seguinte, que define e distingue a cultura: — em *pequena*, quando os respectivos trabalhos são executados sómente pelos individuos da propria familia; — *intermedia*, se ao trabalho da familia acresce o serviço de obreiros, particularmente em occasião de aperto; — *cultura em grande*, todas as vezes que na execução dos trabalhos ruraes os individuos da familia são substituidos por grandes *ranchos* de operarios.

As duas primeiras são as culturas predominantes do nosso Districto. Pelo que respeita á ultima, não ignoram nossos leitores que ella não é sempre uma consequencia necessaria da grande propriedade, mormente em o nosso Paiz, cuja superficie montuosa e recortada, variedade de solo e de produções, falta de capitaes, &c., são grandissimo obstaculo á sua realisação; não sendo por isso de admirar que avulte menos do que as precedentes, e seja mais rara de encontrar: em quanto porém ás fazendas de pouca consideração, a essas anda sempre inherente a cultura pequena, por isso que a divisão do trabalho e a sua applicação em maior escala são totalmente incompatíveis com uma limitada extensão de terreno.

A região dos cereaes, á qual adicionaremos a da cultura da batata, acha-se espalhada por toda a superficie septentrional e meridional do nosso Paiz, como que a Divina Providencia houvesse liberalizado a todas as localidades o grão precioso, e o excellente tuberculo que formam o mais nobre e o mais essencial elemento da alimentação humana!

No que toca a estes dois ramos especiaes da produção agricola, é bem consideravel e progressivo o augmento que se observa na sua cultivação, depois da memoravel época de 1834; sendo porém innumeraveis e diversas as causas politicas e administrativas que tem concorrido para tão notavel desenvolvimento, as mais directas e effica-

zes podem reduzir-se a duas. Fazemos consistir a primeira: na extincção effectiva de um imposto que até áquelle anno, ferio mortalmente a nossa agricultura, — porque não attendia á *despeza necessaria* da produção, e ás circumstancias da esterilidade dos terrenos, — proporcionava-se ao *producto bruto*, e não ao *liquido*, levantando 10 por 100 sobre aquelle, — e constituindo o cultivador em a necessidade de perder, ou ao menos de não ganhar, fazia com que ficasse inculta uma boa parte dos Termos das Povoações, cuja receita liquida, quando se emprehendesse arrotear essa qualidade de terrenos, raras vezes seria igual ao *dizimo*, e ordinariamente muito inferior. Derivamos a segunda: da alteração e reforma dada ao antigo systema militar de primeira linha, e muito particularmente da extincção dos corpos de Milicias, e das ordenanças; instituições estas, que tão enormemente pezavam sobre os nossos campos, contribuindo para os esterilisar, por distrairem para as armas os numerosos, robustos, e indispensaveis braços da agricultura do Paiz, os quaes ainda em cima eram chamados a um consumo improductivo.

Não obstante porém aquelle incremento que se divisa nas culturas de que estamos fallando, augmento que tão sómente se refere ao aproveitamento de uma mais ampla extensão de terreno, são immensuraveis os melhoramentos de que se ha mister, para que o agricultor possa chegar a conseguir *o maior numero de productos pelo modo mais perfeito e o mais economico possivel*, que é o grande *desideratum* de todos os aperfeiçoamentos agronomicos; menos disto, não é possivel um abatimento e redução tal no custo da produção, que permita ao productor expo-los á venda, sem perda, em concorrência com outros muito mais baratos do que os seus: principio incontestavel, sobre o qual insistiremos uma e muitas vezes, porque d'outra sorte não concehemos a possibilidade de dar saída aos productos sobrepujantes da nossa agricultura, nem de atenuar os effeitos do contrabando de cereaes da parte do Reino visinho, o qual reconhece como causa primaria a desproporção entre

os respectivos preços; procuremos remediar o mal na sua origem, e confiemos pouco das chamadas leis repressivas do contrabando, muito principalmente n'uma raia como a que nos separa da Hespanha: — o preço elevado é, como diz Say, o melhor premio para favorecer a importação. — Com este premio neutralisa o especulador todos os

riscos e eventualidades inherentes áquelle trafico. Depois do que havemos dito, parece-nos desnecessario demorarmo-nos mais tempo em fazer sentir a differença que existe entre o abatimento que desejamos, e o que lastimamos no preço dos cereaes e dos mais productos do nosso solo. (\*)

A. J.



O ALPACA.

O Carneiro do Peru, Paco ou Alpaca, *Camelus Paco. L., L'Alpaca. Buffon*, especie congenera dos *Lamas* ou Camelos da America, é um animal ruminante: terá o tamanho de um Jumento, e pezará tanto como 4 ou 5 Carneiros dos nossos: seu corpo é coberto de uma lã, que em finesa, elasticidade e brilho, só é comparavel á das Cabras do Thibet: vagaroso em sua marcha, anda quando muito 4 até 6 legoas por dia, mas compensa este defeito com uma grande paciencia, muita robustez, e excessiva sobriedade: nestes pontos não cede nem ao Burro, que com justa razão gosa a tal respeito de uma reputação proverbial. Nutre-se de musgos, hervagem, estevas e outros arbustos; mesmo nas temperaturas mais rigorosas não exige abrigos, e vai procurar o alimento aáda debaixo das neves: afirma-se, que pôde passar sofrivelmente em sitios tão estereis, que o Carneiro das especies mais ordinarias, nelles morreria de fome.

Sua carne é boa para alimento, e as femeas dão bastante leite. A pelle é de facil cortimento, e produz um couro de muito boa qualidade.

O Alpaca é originario da America; no estado silvestre habita as regiões mais elevadas, e principalmente as montanhas que

(\*) Confiámos que nossos leitores nos relevarão o havermo-nos servido de algumas vozes, e de algumas expressões (o que por mais de uma vez nos veremos necessitados a praticar), das quaes por certo não encontrarão *exemplos classicos*; entretanto se quizermos importar os conhecimentos agronomicos daquelles Povos aonde elles tem chegado ao seu auge, é mister importar tambem a sua respectiva lingoagem technica, de que carecemos para evitar circumlocuções inexactas e intelligíveis. A agricultura, considerada como arte, coincide com a origem das associações politicas, e perde-se na escuridão dos tempos; não é porém assim, offhada pelo lado scientifico, e em relação com as sciencias accessorias que a auxiliam.

*Un langage quelconque ne peut jamais avoir plus de signes que ceux qui l'instituent n'ont d'idées.*

D. DE TRACY, ELEMENS D'IDÉOLOGIE.

se alongam desde a *Nova-Hespanha* até ás terras *Magellanicas*; mas encontra-se domestico no Peru, no Mexico, e no Chili; onde é empregado como animal de carga, conduzindo pezos de 400 até 180 arratois. Não trola nem galopa, mas tem um passo tão suave e descaçado que as mulheres o preferem a qualquer outro animal para andarem a cavallo.

Todos os conquistadores, e commerciantes, que tem visitado as regiões da America onde vive o Alpaca, todos os escritores, que tem tratado deste animal, reconheceram as numerosas vantagens, que resultariam da introdução e aclimação do Alpaca nos Paizes da Europa. Já no reinado de Fernando VI. os Hespanhoes tentaram naturalisar no seu Paiz estes preciosos animaes; mas como não tinham estudado os costumes e natureza dos mesmos, tambem não haviam reconhecido, que os fortes calores lhes eram fataes; assim em lugar de os levarem para as serras, enviaram-nos para as abrazadoras veigas da Andaluzia, onde morreram todos. Pouco depois, em 1773, um agronomo Belga, o Abade de Nolis, publicou uma memoria sobre as utilidades que se poderiam tirar em naturalisar o Alpaca nas regiões pobres e estereis da Belgica. Buffon insistindo tambem sobre a introdução do Alpaca em França, conclue por dizer — «que estes animaes seriam uma excellente aquisição para a Europa, e lhe produziriam bens mais reaes, do que todos os metaes que lhe vieram do novo mundo.» — Os Ingleses conheceram os grandes recursos que poderia offerecer a sua industria manufactureira a lã do Alpaca, e os ensaios que fizeram deram taes resultados, que a sua importação começou logo, e tem crescido de uma maneira espantosa: em 1836 foi a importação de 935,954 arrateis; em 1837 sobio a 1,914,137; em 1838 a 2,762,439 continuando depois sempre em augmento. Esta lã é principalmente empregada no fabrico dos estofos e tecidos ricos, em que se necessita empregar uma mistura de lã e seda.

Depois de terem importado a lã do Alpaca, os Ingleses foram mais adiante, e tra-

taram de naturalisar no seu Paiz este valioso animal, que uma memoria publicada em 1842 por William Walton acabou de popularisar na Gram-Bretanha. Os primeiros ensaios foram feitos por Bennet; depois deste, os mais ricos proprietarios, o Principe Alberto, e os Lords da alta aristocracia tem rivalisado em esforços e diligencias pela propagação do Alpaca, que hoje se encontra em todos os pontos da Inglaterra, e particularmente nas montanhas da Escocia, que decerto não são as mais ferteis, nem as de mais ameno clima.

Em França o Alpaca tem até hoje figurado como uma curiosidade exotica; mas conhece-se já todo o seu valor, e principia-se a tratar de sua introdução.

Entre nós, para a maior parte dos homens estranhos á Historia Natural, é ainda uma novidade o fallar-lhe do Alpaca. No entanto devemos tambem neste ponto aproveitar-nos dos ensaios que as outras Nações tem feito, e dos conhecimentos que tem adquirido. Notaremos por isso, que as nossas serranias da Beira e Traz-os-Montes, a serra da Estrella, o Gerez e o Marão nas estão offerecendo localidades e recursos para *aclimatarmos* estes animaes: poriamos assim em maior valor estas montanhas, na sua maior parte improductivas, facilitaríamos muitas commodidades aos povos desses contornos, e trariamos ao Reino uma nova origem de riqueza, offerecendo tambem a nossas fabricas uma materia prima, de grande importancia, a lã do Alpaca, ou exportando-a para França e Inglaterra, onde tem grande preço, uma vez que aquellas a não soubersem ainda empregar.

Hoje, que acordámos do lethargo em que temos jazido, e que reconhecemos a necessidade de cuidar dos melhoramentos materiaes do Paiz, sob o Governo que nos rege, temos direito a esperar, que este se não esquecerá de promover entre nós a introdução destes animaes; o que aliás ou excede as forças de um simples particular, ou são por elle se poderia conseguir com grandes sacrificios: ao mesmo tempo que o Governo tem os Consules os Embaixadores, e muitos outros meios para effectuar esta in-

rodução. O lugar ordinario do embarque dos Alpacas, é em Valparaiso no Chili.

A. F. de M. P.

#### *Novas especies de animais infuzorios.*

Á muito tempo que está demonstrado, que muitas rochas e terras são em grande parte compostas dos destroços de infuzorios ou animais microscopicos; agora porém acaba M. Ehrenberg de descobrir uma multidão de novas especies nas agoas colhidas pelo capitão James Ross, debaixo dos gelos polares antarcticos. A agoa do mar dos tropicos tambem delles está cheia: e aquella poeira cinzenta, descripta por Darwin, e que obscurecendo o ar até 100 legoas a oest das ilhas de Cabo Verde formava um nevoeiro perigoso para os navegantes, conheceu-se ser na maior parte composta das crustas e pedaços de animalculos infuzorios que as tempestades levantavam e lançavam ao largo.

A pedra pomes das bordas do Rin está tambem cheia de infuzorios, e como a pedra pomes é um producto vulcanico projectado no estado liquido, e se não póde admittir que aquelles animalculos existissem na cratera do vulcão, forcoso é suppor, que taes pedras, depois de sua saída dos vulcões, permaneceram submersas nas agoas, onde foram penetradas pelos infuzorios.

A. F. de M. P.

#### *Respiração dos vegetaes.*

O phenomeno da respiração dos vegetaes é já á muito tempo conhecido, e observado por Priestley, Bonnet, Ingenhouz, Senebier, e de Saussure; ultimamente porém, um physiologista Alemão, M. Schultz, pertendeo fazer mudar a crença neste ponto da sciencia, afirmando, que o oxigenio exalado pelas plantas debaixo da influencia dos raios solares não tinha por origem a decomposição do acido carbonico do ar atmosphérico, mas sim a dos compostos organicos contidos nos tecidos das plantas, taes como o acido tar-

tarico, o assucar, &c. Assim, afirmava elle, que as folhas frescas expostas ao sol na agoa privada do ar, mas contendo um quarto ou meio por cento daquellas diversas substancias, desenvolviam o gaz oxigenio. M. Boussingault em uma carta que escreveu a M. Dumas, contesta estas experiencias, que reppetio, e confirma a opinião até aqui admittida: por quanto, cada vez que elle poz folhas verdes, em agoa, contendo acido carbonico, observou uma grande desenvolução de gaz oxigenio, como já antes delle o haviam observado os auctores que acima citamos; e nas dissoluções de acido oxalico, borico, ou sulfurico, na agoa contendo assucar, ou phosfato de ammoniaco as folhas tornavam-se amarellas, mas sem jámais desenvolverem o oxigenio. Estas experiencias de M. Boussingault é necessario serem demoradas sómente por poucas horas, de outra maneira as folhas se alterariam, e teria logar a decomposição do acido carbonico produzido pela fermentação daquellas.

A. F. de M. P.

#### *Meio economico para conservar as fructas, sementes e legumes.*

Consiste em impedir que o ar toque as fructas ou substancias vegetaes que queremos conservar, empregando para tal fim a cal extincta reduzida a pó subtil. Opera-se dispondo as fructas ou sementes em uma cuba ou vaso apropriado á natureza daquellas, em camadas alternadas, uma de fructa, e outra de cal em pó: a espessura das camadas deve variar segundo a especie dos fructos. Cheio assim o vaso deve ser bem tapado, ou melhor ainda, quando isso seja possivel, voltado com a boca para baixo sobre um leito de cal de uma a duas polegadas de grossura.

Esta receita, que se acha descripta nos *Annales de Flore et de Pomone*, era á muito tempo usada em França por M. Chevet, que assim conservava de uma colheita até á outra, e em muito bom estado de frescura, as uvas, nozes, amendoas, castanhas, laranjas, maçans, batatas, &c.

A. F. de M. P.

**Modo de preservar a hortaliça dos estragos dos insectos.**

Diz-nos o *Jardim Portuense*, que segundo M. Bossin, a assafetida tem a maravilhosa propriedade de afugentar as minhocas, murilhões e mais insectos das plantações de hortaliça; para o que, não é preciso mais que dissolver em uma canada d'agoa uma porção de assafetida do tamanho de uma avelã, e molhar nesta dissolução a hortaliça que se vai dispor.

Não haja receio que a hortaliça tome máo gosto por semelhante operação.

A. F. de M. P.

**Modos de conservar o leite fresco e sem se azedar.**

Conserva-se o leite sem se azedar, por muitos dias, mesmo durante os maiores calores, tomando a precaução de o ferver, lançando-lhe uma pequena porção de sal de cozinha.

Consegue-se o mesmo fim, e sem o ferver, juntando-lhe um pouco de carbonato de soda dissolvido em agoa. Com as mesmas vistas costumão os leiteiros juntar-lhe agoa de sabão, mas esta communica-lhe um gosto desagradável.

Tambem lemos que o leite se pôde conservar em bom estado por tempo até de annos, lançando-o fresco em garrafas bem tapadas, e mergulhando estas por tempo de quinze a vinte minutos em agoa a ferver.

Outro processo para conservar o leite, e poder commodamente conduzi-lo em viagens; consiste em fazer ferver, e evaporar lentamente o leite a um brando calôr até o reduzir a um pó seco, que então se conduz em caixas, e quando se quer usar, se mistura com a necessaria quantidade d'agoa, formando um liquido, cujo gosto tem a maior analogia com o do leite fresco.

A. F. de M. P.

**Processo para extemporaneamente fazer envelhecer a agoa-ardente.**

Consiste este processo, bastante usado em França, em lançar na agoa-ardente nova uma pequena quantidade de amoniaco (alcali volatil) na proporção de 10 a 12 gotas deste em cada canada d'agoa-ardente, agitando depois fortemente. A agoa-ardente assim tratada, em poucos dias perde sua rispidez, e se apresenta tão boa e macia como se contasse já muitos annos de duração.

Parece que o alcali se combina com alguma substancia oleosa ou acida contida na agoa-ardente. Devemos declarar ter-se conhecido que tal adição não é nociva à saude.

A. F. de M. P.

**Preservativo contra o bolor.**

O bolor inimigo destruidor dos livros, coiros, colla, grãos, &c. tem como preservativo o oleo de terebentina. Algumas gottas bastam para preservar os livros em uma bibliotheca.

Algumas gottas de oleo de alfazema ou de cravo deitado na tinta d'escrever impedem tambem a formação do bolor.

A. F. de M. P.

**Côr preta, em tinturaria.**

O *Archivo dos Conhecimentos uteis*, noticia-nos, que um chímico Alemão affirmara, que a casca do castanheiro continha duas vezes mais corthim do que a casca do carvalho, e que a cor preta que fórma com o sulfato de ferro (caparroza verde, vitriolo verde) era menos sujeita a alterar-se ao sol e pela influencia atmosferica, do que a cor obtida do sumagre. Pessoa de probidade e nossa conhecida nos affirmou a veracidade desta noticia que ella experimentou: e por varias vezes, que temos feito tinta preta na fabrica de cobertores desta cidade, e que mandamos juntar alguma casca de casta-

nheiro ao cozimento de sumagre, o resultado foi sempre bom.

A. F. de M. P.

**Verniz para quadros, e cartas geograficas.**

**Dissolução de colla.**

T<sup>o</sup> de colla de peixe em peda-

ços miudos . . . . . uma onça.

— agoa commum . . . . . meia libra.

— alcool a 12 gr. de Tessa meia lilra.

Lance-se a colla de molho na agoa, até que esteja bem entumecida, junte depois o alcool, e leve ao lume em vaso tapado, e a B. M. (\*).

**Verniz.**

T<sup>o</sup> de agoa raz . . . . . duas onças.

— almecega em lagrimas. meia onça.

Lance em vidro tapado com um papel crivado de furos d'alfinete, e dissolve pondo o vaso sobre cinzas quentes, ou melhor a B. M.

Applica-se da maneira seguinte: com um pincel de pello de teixugo ou lontra, dão-se duas ou tres camadas da dissolução de colla, a fim que a superficie fique mais espessa, e o verniz não passe a través de seus poros manchando o papel. É necessario ter visto praticar para saber quando as camadas de colla estão na devida espessura, mas tambem isto se pôde conhecer, quando, lançando-lhe em cima uma pequena gotta d'azeite, este não passa nem mancha o papel.

Pelo mesmo methodo se applicam depois duas ou tres camadas de verniz, até tornar a superficie perfeitamente lustrosa. As camadas tanto da colla como do verniz deveriam deixar-se seccar cada uma de persi, e para ficar mais lustroso será bom dar o verniz ao sol.

Este verniz, que por vezes temos usado não tem differença do que de França nos vem, sobre os globos e cartas geograficas, onde produz muito bom effeito, bem como em quadros, desenhos, &c. Quando porém

se quizer applicar sobre pintura a fresco, ou a oleo, então é escusada a dissolução de colla. Por este mesmo processo se obtem o tafetá ou encerado Inglez; applicando a dissolução de colla e o verniz sobre tafetá de seda da côr que se quizer.

A. F. de M. P.

**Remedio para as feridas dos cavallos.**

T. de pedra ume . . . . . de cada um —

— sulfato de cobre. } meia onça.

— muriato de amoniaco — trez oitavas.

— sulfato de zinco. } de cada um —

— acetato de cobre. } uma oitava.

— oxido de cobre. }

Derreta-se o mixto a fogo brando, tome-se desta preparação a grossura de uma noz, dissolve-se em uma canada d'agoa, e neste liquido se embeba uma compressa, ou pano dobrado, que se applique á chaga durante a noite, renovando-se de manhã. Ainda que a ferida seja no costado pôde sellar-se o cavallo, pondo a sella sobre a compressa.

A. F. de M. P.

**Remedio eficaz contra as queimaduras.**

Faça-se um emplastro de rezina amarella com oleo de terebentina, derretido ao lume, e applique-se por meio de um pincel, ou escovinha de barba, até que toda a parte affectada fique coberta de uma espessa capa, que secando, se assimelhe a um verniz. Deve haver cuidado em conservar a integridade desta capa.

Segundo se afirma no *Archivo dos conhecimentos uteis*, este remedio cura as mais violentas queimaduras por primeira intenção, e sem supuração. Para tornar a composição mais compacta pôde ajuntar-se ao emplastro quando se derreta, uma pouca de cera amarella, e envolver a parte em tiras de paninho, em quanto o emplastro, que se lhe applicou, estiver ainda semilluido (\*).

A. F. de M. P.

(\*) B. M. quer dizer — banho maria — e designa-se por esta frase, que o objecto, que tem de ser exposto á acção do calor, o não deve ser directamente sobre as branzas, mas sim em um banho d'agoa a ferver.

(\*) Queimaduras pôde haver em que este remedio não deva ter applicação: tal é, por exemplo, quando existir a gangrena ou esphacello profundo, em que a primeira indicação é favorecer a queda dos tecidos mor-

*Causas da decadencia politica e social da Hespanha.*

A obra de M. Weiss, intitulada: — A Hespanha desde o reinado de Filippe II. até aos Bourbons — motivou uma discussão a mais interessante na Academia das Sciencias Moraes e Politicas de Paris entre M. M. Mignet, Passy e Blanqui, sobre as causas, que tem concorrido para a decadencia politica e social da Hespanha; e sobre os meios porque póde ainda voltar ao logar que occupou entre as outras Nações.

Um dos factos de que mais se resentio a posição social deste grande Paiz, foi a decadencia da sua agricultura, que se attribue principalmente a quatro causas; á diminuição da população, ao direito de mão morta conferido ás terras do clero, aos morgados, e á *mesta*, ou devastações dos gados volantes.

No tempo de Filippe II., a Hespanha contava ainda nove a dez milhões d'habitantes, e por uma mudança repentina desde o tempo de Filippe II. até ao de Carlos II., este numero desceo a cinco milhões e setecentos mil. Que deploravel decadencia!

Pela expulsão dos Judeus e dos Mouros, começada a levar a effeito no reinado de Fernando o Catholico, e continuada até 1609, no de Filippe III., expatriou-se a parte mais activa e industriosa da população; assim como pela colonisação d'America, pela administração das Provincias conquistadas nos Paizes Baixos, na Italia e na Africa; e superiormente a tudo isso pelos furôres da Inquisição. Segundo Llorente fez esta queimar em três seculos 31,912 Hespanhoes, e mais de 17,659 em estatua; impoz condemnações severas a 291,450 individuos; e acima de 100,000 familias

tificados. Em Medicina não ha meio algum, ainda o que parece mais innocuo, de que se não possa abusar, e muitas vezes o effeito curativo do remedio depende da occisão, ou do periodo da molestia em que o mesmo é applicado: em consequencia, será sempre bom que os doentes, todas as vezes que isto for possível, consultem primeiro um Facultativo, propondo á sua approvação o uso dos meios que aqui indicarmos. Fique isto advertido de uma vez para todas. Esta parte do nosso periodico não é dirigida tanto aos doentes como aos Facultativos das aldeas.

escaparam a taes perseguições pela emigração.

A mão morta das terras do clero é a segunda causa supposta da decadencia da agricultura.

Em parte nenhuma as doações ás Igrejas, que remontam ás primeiras épocas do Christianismo, estiveram em uso tão geral como na Hespanha.

Nos fins do Seculo XVII. havia entre a sua população, que não chegava a seis milhões d'habitantes, 86,000 clerigos, 62,000 monges, e 33,000 religiosas, isto é, 180,000 pessoas que viviam em completa ociosidade, e que possuíam uma quinta parte das terras.

O clero tirava apenas um e meio por cento d'interesse de doze milhões de geiras, de que era proprietario, e cuja cultura era confiada a cazeiros hereditarios que não tinham interesse algum em augmentar as produções do solo.

Os morgados foram tambem uma das chagas mais vivas da Hespanha, porque tornaram ametade do territorio de natureza inalienavel. Contava a Hespanha 625,000 nobres; e a classe media queria segui-los e imita-los.

Todo o negociante que reunia uma fortuna de 500 ducados de renda, a transformava em morgado; de sorte que despovoaram e encheram de mato quasi toda a Andaluzia, ao mesmo tempo que o territorio arido e escarpado da Biscaia, da Navarra e de Guipuscoa, onde o solo se conservou dividido allodial e alienavel, sustentava 2000 homens por cada legoa quadrada.

Em razão do privilegio da *mesta* quatro milhões de merinos percorriam a Hespanha em toda a sua extensão; de verão, do sul ao norte; de inverno, do norte ao sul. Aquillo que desgraçadamente havia sido necessidade durante as guerras dos Christãos e dos Mouros, se perpetuou no tempo da paz e da segurança.

A industria e a agricultura perderam o seu antigo esplendor em razão da carestia da mão d'obra, dos prejuizos contra as artes mecanicas, e do augmento dos impostos.

No Seculo XVI. intertinha a Hespanha

relações com a Italia, França, Inglaterra e Paizes Baixos, e todo o Occidente. Cordova, Toledo, Cuenca, Cidade Real, Segovia, e Granada, abundavam em manufacturas de seda, pannos, couros e armas. Nada havia que igualasse as fabricas de seda de Sevilha, onde se contavam 24,000 teares. Segovia empregava 34,000 trabalhadores nas suas fabricas de pannos, que então se reputavam os mais bellos da Europa, e teciam 25,000 peças por anno, em que se consumiam quatro milhões e meio de arráteis de lã.

O commercio, assim como a agricultura e a industria, succumbio á acção do regimen colonial, concentrado em Sevilha, e depois em Cadiz. O contrabando, os prejuizos contra os mercadores, a falta de communicações interiores, e a pirataria, que o Governo não podia reprimir, fizeram decair as cidades industriosas: e as relações commerciaes foram reduzidas a tal ponto, que no fim do Seculo XVI, os Genovezes, os Venezianos, os Italianos, e os Francezes faziam as quatro quintas partes do commercio de Hespanha, e as nove decimas do do novo Mundo.

No fim do Seculo seguinte, o successor de Carlos Quinto, e de Philippe II., não foi sómente um Rei sem armas, sem marinha e sem finanças; mas um particular indigente. Carlos II. vio-se obrigado a empenhar as joias da Corôa. Em 1681 o Condestavel de Castella emprestou-lhe 20,000 escudos para as despesas da sua mês. E em 1683 mais de sessenta creados desertaram das cavalharias reaes, porque se lhes deviam os ordenados de quasi trez annos, e foi preciso chamar da rua quem servisse o Rei.

A par das causas que precedem, e que M. Passy suppõe serem as que concorreram para a decadencia da Hespanha, ha outra, na opinião dellê, mais geral, e não menos digna d'attenção, o immenso dominio que adquirio Carlos Quinto. Os Hespanhoes, victoriosos nas luctas em que se empenharam ao longe, fizeram uma ideia excessiva de sua superioridade; e habituados a dominar fóra, vencedores em tantos pontos, conquistadores da Italia e senhores do novo Mundo,

julgaram-se capazes de grandezas sem limites. O espirito militar e aventureiro tornou-se o seu movel; e olharam com desprezo o trabalho, o commercio e a industria. Não conheceram mais do que uma unica fabrica, digna delles, a dos armamentos bellicos.

O fanatismo religioso não teve, segundo M. Passy, consequencias tão graves, como aquellas que geralmente se lhe attribuem. Era o resultado das aturadas luctas com os Mouros, e contribuiu sem duvida para a decadencia do Paiz. Mas, a não ser o sentimento d'orgulho e enthusiasmo que os Hespanhoes deviam á recordação de suas victorias e grandeza, não poderia ter reprimido o desenvolvimento das forças interiores.

M. Blanqui critica a opinião de M. Mignet no que diz respeito á importação dos metaes do novo Mundo, e á abundancia do numerario em Hespanha, que M. Mignet considera uma das causas principaes da ruina da sua industria, por isso que havia de ter feito perder repentinamente mais de quatro quintas partes do seu valor. Esta é a opinião de M. Leber na sua memoria sobre a fortuna particular da meia idade, e de um sabio Academico de Madrid. Mas M. Blanqui não admite este facto. Uma mudança tão extraordinaria jámais existio em parte alguma, nem haveria industria que lhe resistisse. As obras de Moncada, de Ustaritz, e de Ulloa, não fazem subir a exportação dos metaes da America, a mais do dobro do numerario da Hespanha, de que se aproveitou igualmente toda a Europa. A industria foi arruinada na Peninsula pelas medidas prohibitivas, pelos embaraços de que se resentiam as mercadorias, pela substituição do trabalho privilegiado ao trabalho livre, e pelo grande numero de Dias Santos, não inferior a cento e cincoenta no anno, em que os trabalhos se paralisavam.

A discussão foi menos explicita sobre os meios de restituir á Hespanha a sua força e o seu esplendor, e sómente inculcou como capazes de produzir essa grande revolução os melhoramentos introduzidos pela Dinastia Franceza, a criação de Escólas, a reorganização de manufacturas, a abolição do mo-

nopolio colonial, a abertura d'estradas e canaes, o estímulo para animar o transito, e os poderes da Inquisição não destruidos, mas restringidos.

D. A.

## O CANTARO D'AGOA.

CHRONICA DO SEculo XIV.

### CAPITULO III.

#### OS CONVIDADOS.

«Eis alli seus irmãos, contra elle vão:  
«Caso feo, e cruel!»

CAMÕES — LUSIADAS.

A garrida da igreja de Santa Maria maior da villa de Chaves, tangida, a bom tanger, pelo sachristão Braz Esteves, como acabámos de lêr no capitulo antecedente, annunciára o meio dia da vespera do Natal de 1385.

Na sala d'honra do castello, ornada com troféos d'armas, e bandeiras, uma mui lustrosa companhia de cavalleiros, fazia um semicirculo, a que servia de corda a parede do sul, no meio da qual uma janella gothica dava entrada aos obliquos raios do sol, que diffundindo-se na sala, reverberavam nas polidas armaduras dos cavalleiros, e nos troféos pendurados na parede opposta. Encostado contra a parede, um estrado, de um degráo sómente, se via alli coberto de uma rica alcatifa de lâ verde, matisada de flores do mais vivo incarnado; sobre ella uma almofada de brocado carmesi, orlada de cairrel d'ouro, com riquissimas borlas do mesmo nos quatro cantos boleados.

E sobre a almofada? — Ninguem. — Reinava alli um silencio mysterioso; mas quem olhára attentamente para os labios de cada um dos cavalleiros dissera que formulavam palavras mysticas.

Que palavras serão essas?

Porque, sendo alli todos iguaes em gerarchia, estão todos com as cabeças descobertas?

É porque a garrida da igreja deu o signal da saudação angelica ao meio dia. É porque naquella época de crença-viva, e verdadeira ninguem se envergonhava de mostrar que tinha fé, adorava os mysterios augustos do christianismo, ao raiar d'aurora, ao meio dia, e ao derradeiro crepusculo da tarde, quando o sino da igreja tocava a trindades.

É porque estão esses cavalleiros de pé, em frente dessa almofada?

Aguardam a nobre castelã D. Mecia Vasques Coutinho, esposa muito amada do muito illustre Martim Gonçalves de Atayde, Alcaide mór do castello de Chaves, que os convidára a jantar naquelle dia.

— Deos vos salve, cavalleiros! — disse o mais velho de entre elles, acabando de rezar, e persignando-se. Os demais o imitaram, benzendo-se, e saudando-se: e o silencio reinou de novo, mais profundo, e melancolico: pareciam parentes anojados, aguardando o banquete funerario, após sumptuoso sahimento.

Qual seria o motivo dessa tristeza solemne, concentrada no coração, trahida na fisionomia de cada um desses guerreiros?

Não eram elles contentes do convite, e de quem o fizera?

Não era de per si dia de festa o dia classico da santa consoada do Natal, para a qual os convidára o Alcaide mór, e sua formosa esposa?

O dia era festivo; honroso era o convite; todos amigos, e irmãos d'armas de Martim Gonçalves; cada um delles disposto a romper lanças em campo, ou estocada ao mais leve aceno de D. Mecia; alegres deviam ser; mas cada um desses cavalleiros recordara que áquella hora se costumam reunir as familias no lar domestico, e que alli cada um delles era estranho: que nenhum delles teria a ventura de receber as bençãos de um pai, os afagos de uma mãe, as caricias de uma esposa, os ternos beijos de um filho innocentinho. Em vez d'alegres loas na missa do gallo á meia-noite, o agudo sibillar das settas do inimigo, seria o concerto horrivel que ouviriam. Não afinariam menestres suas torbas, para ao som dellas cantarem o nascimento do redemptor; mas

os besteiros temperariam as cordas de seus arcos, cujas vibrações são de morte. Nem gozariam em seus leitos de um somno repousado; de rolda pelas muralhas, revistando as escaldas e atalayas, tranzidos pelo frio das noutes do inverno, teriam de velar aquella e muitas, muitas noutes, em apertado cerco.

Novas cartas já chegaram de que o Mestre de Aviz abalára aquella madrugada de Villa Pouca d'Aguiar, com poderoso exercito, para cercar aquella fortaleza; não era porém o terror de suas armas, até alli sempre victoriosas, quem produzira essa tristeza; nem fôra o desalento quem motivára esse silencio prolongado: fortes eram os muros dessa praça; fortes os braços que a defendiam; esforçadissimo, e prudente o Alcaide-mór della; bem provida de munições de todo o genero; soccorrida por tropas de D. João I. de Castella, que alli tinha concentradas as derradeiras esperanças de recuperar a corôa que julgava pertencer-lhe, como marido de D. Beatriz, filha unica do finado rei de Portugal D. Fernando, e de D. Leonor Telles de Menezes. Empenhados naquella luta de morte, ousados a affrontavam; capitaneados por Martim Gonçalves não temiam a sorte das batalhas; qualquer que fosse o resultado, glorioso lhes seria. Porém todos esses contra quem haviam de batalhar batalha de morte com armas descortezes... todos esses contra quem haviam de disparar tiros certeiros... todos esses eram, como elles, portuguezes, amigos, parentes, irmãos, que naquella guerra fraticida iam travar luta de feras carniceiras!!!

A religião do que soffreo morte affrontosa para fraternisar todos os homens tinha inspirado essa melancolia silenciosa: as leis abstrusas do pundonor humano, collocaram-se ante as leis tão simples do legislador divino: a oração viera lembrar que eram christãos, e que o fumo negro, e pestilente das ambições da terra não era puro incenso que pudesse queimar-se ante o throno do altissimo.

Apagai do coração do homem essa maxima sagrada do amor de Deos, como pai de todos elles; riscai-lhe d'alma esse pen-

samento consolador e divino de que todos são irmãos, e como taes devem amar-se, e vereis o homem peor do que as feras mais voraces, excede-las na crueza.

Mas que motivo pôde haver para que, portuguezes, cavalleiros, e fidalgos como esses, que ahi estão silenciosos na sala d'armas do castello de Chaves, sigam o partido do rei estranho, contra um seu natural? contra o escolhido do povo de Lisboa, como defensor do reino? contra o eleito das côrtes de Coimbra como seu rei? contra o vencedor no cerco de Lisboa? contra o victorioso nos plainos d'Aljubarrota? contra o filho de D. Pedro I. o magnanimo Mestre d'Aviz, D. João I. de Portugal?! Tinham prestado juramento de preito, e menagem á rainha D. Leonor Telles de Menezes, como regente do reino em nome de sua filha D. Beatriz, casada com ElRei de Castella; e nesses tempos de heroismo, e de virtudes cavalheirosas, o juramento era um vinculo sagrado que ligava o homem, e não como hoje, um sofisma vão de que escarnece.

Inconsiderado fôra seu juramento, antes quizeram não have-lo prestado; dôe-lhes o coração de terem que sustenta-lo á custa do sangue de seus naturaes; baratearão o proprio; cumprirão o seu dever — bem penoso dever! — e Deos decidirá o que fôr mais justo!... Quando prestaram seu fatal juramento, ainda o facho da guerra civil se não havia incendiado no sangue do malaventurado amator da viuva de D. Fernando, o Conde de Ourem, D. João Fernandez Andeiro, morto em Lisboa, ás mãos do Mestre d'Aviz, nos paços das Alcaçovas. Quando a bandeira da independencia nacional foi hasteada nos muros de Lisboa pelo Chanceller Alvaro Pães, já elles não podiam optar por ella; nem combater, nem morrer por tão bella causa!

Mal podêmos nós, os homens do século dezanove, comprehender a sublimidade do sacrificio, de cumprir religiosamente um juramento contra o qual reagia o interesse, religião unica do dia de hoje!... contra o qual o amor da patria, e de sua independencia do poder d'estranhos, erguiam suas vozes sacro-santas! contra o qual não faltára a

absolvição a quem o quebrantára, dada por todos os que não sabem avaliar a religião cavalheiresca daquelles tempos; religião de pundonor mui requintado, e não de ego fanatismo político, ou religioso: qualquer desses cavalheiros poderia desligar-se de seu preito, indo desquitar-se ante aquelle a quem o havia prestado; mas nenhum d'elles o fizera, porque nenhum d'elles queria o cognome de *covarde*. O Mestre d'Aviz era vencedor em toda a parte, e ao desquitar do juramento podéra alguém julgar que fôra o terror de suas armas, quem os movêra. A morte, embora; a infamia, nunca. Martim Gonçalves d'Atayde era neto d'Egas Moniz, o que, por cumprir seu juramento, foi de corda ao pescoço, e com todos os seus, entregar-se ao rei de Leão; e esses defensores da fortaleza de Ghaves são os retos dos companheiros d'armas de Martim de Freitas, o Alcaide mór de Coimbra.

Poderemos nós censurar hoje essas victimas da legitimidade de 1383? Lamenta-las sim; mas lançaria algum de nós a maldição a um Hyde Neuville? a um Chateaubriand? a um Laroche-Jaquelin? Nunca... nunca.

Pezados passos se ouviram na sala que a esta dava entrada; o bater compassado de espada na armadura, o tinir de esporas de ouro, desse que para alli se encaminha annunciavam um cavalleiro; era um dos convidados que faltava, e chegava açodado naquelle momento.

Como a garrida da igreja inspirára idéas todas do céo, aquelle bater de espada na armadura, aquelle tinir de esporas d'ouro no lageado da sala anterior, varreu-as todas para dar logar a ideias cá da terra. A garrida annunciara a oração, o tinir das armas, e esporas annunciara um convidado, um banque, quem o dava, os que o aceitavam, as circumstancias de cada um d'elles em relação ao resultado final dessa demanda de herança riquissima jacente, da qual todos, como co-herdeiros, esperavam avultada folha de sorte.

— Julgava ter tardado! — disse entrando Vasco Gomez de Seixas, cavalleiro principal de Orense, que com sua gente de guerra

tinha vindo socorrer o castello de Chaves, ameaçado pelo Mestre d'Aviz.

— Não, por certo: — lhe tornou um dos cavalleiros portuguezes.

— Ouvi tanger ao meio dia, quando examinava se as portas da vedoria careciam algum reparo; e como as visse fracas, e já velhas, ordenei que de novo as guarnecessem de barras de ferro; as que tinha, gastas pela ferrugem, mal podiam resistir nos golpes de um vai-vém.

— Cautela, e caldo de galinha nunca fez mal a doentes... — disse Garcia Pereira, com um sorriso despresador do proverbio que applicára; antes motejo que approvação. Não passou desapercibido o gesto do mancebo. Vasco Gomez de Seixas franzió as negras, e espessas sobrancellias; retorcendo com o index, e polegar da mão direita as extremidades de seus longos bigodes, e apoiando a esquerda sobre o punho da espada que lhe pendia ao lado, medio com vista d'aguia que contempla certa preza aquelle que lhe fallára, e com voz de enfado, que apparentava disfarçar, assim lhe torna.

— Garcia Pereira! Se o dizeis por mofa?!... —

— Como entenderdes... nobre senhor D. Vasco!... — e poz como elle a mão esquerda nos copos da sua espada, em tanto que com a direita fazia mover em roda as pontas franjadas de ouro de uma rica charpa de seda azul-ecleste, que a tira-colló lhe pendia sobre a lustrosa armadura: inberbe ainda não podéra imitar completamente o adman do cavalleiro gallego; mas a expressão que dava ao movimento circular das pontas de sua charpa não era menos significativa que o retorcer dos bigodes de D. Vasco: nem o meigo olhar de seus grandes olhos castanhos claros, era menos provocador: parecia não quizera cança-los, afogueando-os com o ardente olhar do despeito mal contido.

— Ora senhores! que mal parecem, em horas taes, disputas de palavras: nenhuma cautela são de sobra, tendo o Mestre d'Aviz, e Nunalvares por contrarios. Mui avisado andou Vasco de Seixas, que a seu cargo tem

as portas da védoria; pois fronteiras á ponte, mais terão que soffrer dos ingenhos do inimigo. Bem obrarieis vós Garcia Pereira, se o mesmo fizesseis no postigo das Caldas que á vossa guarda está confiado; mais logar terieis de vir ajudar o velho Gileanes, a quem cabe deffender o postigo das Mannas. —

Isto disse em tom conciliador o mais velho dos cavalleiros portuguezes, a quem os annos, provado valor, e prudencia consumada davam um certo poder patriarchal sobre todos seus companheiros d'armas. —

— Por S. Jorge! ou S. Thiago! qual vos approuver... gallego, ou portuguez, ambos são santos. Não são portas de carvalho, nem barras de ferro que as guarneceem, quem deffende as fortalezas... os peitos dos defensores, o esforço de seus braços, eis as portas, e barras que as protegem d'ataques de inimigos: — tornou Garcia Pereira, batendo com a direita no peito da armadura, em quanto que estendia o braço esquerdo com o punho da mão fexada, como protestando contra os preliminares da paz, que entre elle e Vasco de Seixas quizera firmar o velho Gileanes da Silveira.

Era o orgulho nacional portuguez em frente do orgulho nacional castelhano, que ao approximar desses dois pólos sempre oppositos crepitava como faisca electrica. Trabalhando na fusão das duas monarchias em uma só corôa, conservavam intactas suas rivalidades; não perdendo conjunctura de fazer valer as suas respectivas nacionalidades, com toda a sua religião, e fanatismo, com todas suas glorias, e preconceitos, mostravam a cada instante que, essa fusão projectada, era impossivel; é ouro de mui subido quilate, a independencia portugueza, para admitir liga de estranhos; os cadinhos, são campos de batalha; e nesses desaparece, tornado em fumo, esse metal de liga estranha, carbonisado pelo fogo dos odios, aniquilado pela força dos braços portuguezes.

O resultado desse conflicto de orgulhos entre o fidalgo portuguez, e o gallego, era por certo a morte de um, ou por ventura de ambos os contendores.

— Descortezia não foi voluntaria, fazer-vos esperar, illustres cavalleiros! —

Era Martim Gonçalves d'Atayde quem dizia, ao entrar, estas palavras, que vieram interromper a disputa, e o discurso de Garcia Pereira.

Em quanto os cavalleiros convidados fallaram a Martim Gonçalves palavras de cortezia, Vasco de Seixas, e Garcia Pereira trocaram sinistro gesto, mudou sim, mas expressivo... Era terrivel esse olhar que se cruzára entre os dois... disseras que um poder sobre-natural os attrahia para se despedaçarem nesse horrivel encontro, que seus olhos prognosticavam certo.

E por tão poucas palavras proferidas, por um gesto ás vezes mal explicado, ei-los ahí inimigos encarniçados, esses que deffendendo a mesma causa, deveram ser amigos; esses que querendo a fusão das duas monarchias deveram dar o exemplo da concordia, e boa união entre os dois povos que elles simbolisavam.

Aos cavalleiros reunidos em torno de Martim Gonçalves explicava elle a razão de sua involuntaria tardança, e relatava as novas que recebera da proxima chegada do Mestre d'Aviz a pôr-lhes cerco. Seus corretores lhe disseram que naquella madrugada partira de Villa Pouca d'Aguiar com luzido exercito: as vigias postadas no alto de Santa Barbara acabavam de annunciar-lhe que as hostes inimigas desfilavam pela estreita garganta do Reigaz, seguindo a estrada de Villa-Verde de Oura, e Pereira de Selão. Não podia dizer-lhes ao certo o poder do inimigo, mas breve o saberia; um espia mandára não suspeito, que voltaria breve com recado certo.

Os perigos, e gloria communs, fizeram por instantes esquecer a pendencia que entre Vasco de Seixas e Garcia Pereira se suscitára: attentos ouviam todos a narração que Martim Gonçalves lhes fazia: quando o rugir de longas roupas de seda roçagante fez voltar os cavalleiros.

Com airoso ademan, nobre, e modesto entrára D. Mecia Vasques Coutinho, esposa do Alcaide mór, seguida por duas nobres donzellas: saudando os cavalleiros com palavras cujo som era angelico, atravessou ás alas que formaram, e foi sentar-se no es-

trado sobre a almofada que lhe estava destinada: a seus lados sobre a alcatifa que cobria o degrão do estrado se assentaram suas donzelas. Esta usança de estrados e almofadas em que as damas se assentavam, era resto dos costumes orientaes, que nos ficára do tempo da odiosa dominação dos mouros: expulsos elles, por muito tempo conservámos muitos de seus usos, como adoptámos muitas de suas palavras, que attestam ainda hoje o dominio arabe na lusitania.

Se o formozissimo sol de Dezembro, tendo dissipado o denso nevoeiro, que tanto affligira o sachristão Braz Esteves, campeara brilhante em seu zenith, a formozissima D. Mecia Vasques, tendo feito esquecer rivalidades, perigos, e batalhas, não menos brilhante se amostrava, sentada em seu coxim, cercada de suas donzelas, e desses cavalleiros, que absortos contemplavam a nobre castellã.

Não era alvo seu rosto como a flôr das assucenas, mas não era trigueira a sua téz mimosa; não eram de carmim as suas faces, mas havia nellas um colorido perfectissimo; um quasi orvalho aveludado do pécego mais lindo, lhas cobria, misturando as côres bem sortidas, como as estudára o nosso pintor Grão-Vasco, em seus bellos modêlos portuguezes. Sua testa espaçosa, e perfectamente arqueada, indicava a força do character nobre e elevado, herança rica de seus avoengos illustrissimos: sua boca pequenissima tinha um engraçado sorrir, a que davam realce uns beiços de coral lindissimos, e uns dentes mais alvos, e mais iguaes que as mais bellas perolas de Ceilão. Na barba uma pequena cova que o prazer do rosto atraioçava demonstrando-o, era como ligeiro toque imperceptivel quando ideias tristes, ou severas o assombravam; o collo e a garganta do mais bello contorno, eram primor da natureza: a cintura, o talhe, o pé, e a mão mimosos guardavam a proporção mais perfeita de uma belleza completa. Os cabellos eram negros como o ebano, lustrosos, e finos como a seda; da mesma côr as sobrancelhas ligeiramente curvas, e tão delicadas que disseras que a natureza as traçara a medo,

com receio de dar aquella fisionomia d'anjo uma expressão carregada; o nariz comedido formava o angulo facial mais bem traçado: as negras e longas pestanas pretas sombreavam uns olhos grandes e bem rasgados da mesma côr, a par dos quaes o brilho das estrellas fôra baço fulgor, quando scintillavam com o fogo da ventura, ou quando nelles se refrangia a luz sobre mal contida lagrima da tristeza.

Oh! quem podera vêr olhos tão lindos, um todo tão perfeito, como o ser ideal do sonho de nosso primeiro amor, e não amar esse anjo que baixou a terra disfarçado sob os traços de mulher?!!

Que bem sabe o condão que ella possui, bem o deixa antever em seu ademan tão gracioso, mas altivo: altivo? não... não digo bem, antes consciencioso conhecedor de seu poderio.

Em chatas, largas tranças tem penteados seus cabellos, que pendendo bipartidos ao longo das duas faces, vão por baixo das suas pequenas orelhas transparentes occultar as suas extremidades na trança, que enrolada lhe guarnece a parte posterior da cabeça, que uma rede de perolas enfiadas contém com donaire primoroso: miudas flôres de perolas sahem de entre as tranças chatas que o rosto lhe guarnecem. O mais dextro entalhador não fizera moldura mais bella, para encaixilhar quadro mais lindo.

As roupas que trajava eram simples, mas ricas e elegantes: um longo vestido de cabaiá roxo lem, debruado de cairel de ouro finissimo: aberto sobre o peito deixava vêr um gorgeto de renda de Bruxellas, do lavor mais delicado, o qual cobrindo-lhe o seio, hia dobrado cair em pregas mui miudas sobre os hombros de alabastro. Uma escarcella de pello de camurça aveludada, fechada com fecho de ouro, tendo em meio bordadas de matiz e prata as suas armas, lhe pendia da cintura ao lado direito, como era uso de então. O indigente não buscara em vão o seu amparo, pedindo-lhe uma esmola; os fechos da escarcella estavam sempre abertos para soccorrer os infelizes. D'uma gargantilha de diamantes da mais pura agoa, lhe pendia um relicario d'ouro e pedraria ri-

quissima; presente de seu irmão, o Alcaide mór de Trancoso, Gonçalo Vasques Coutinho, em dia de suas bodas. As duas donzelas suas criadas, formosas ambas, pareciam ao lado della, como dous lindos botões de rosa, ao pé de uma rosa em todo o brilho de seu desabrochar.

Uma dellas branca, loura, esguia, como os cherubins de Rafael, era Violante da Silveira, sobrinha e unica herdeira do ancião Gileanes, que o leitor já conhece.

A outra um pouco palida, cabellos castanhos, de fórmias mais contornadas, como uma belleza dos quadros de Morillo, era Mafalda Gomes Sarmiento, filha de D. Diego Gomes Sarmiento, Adiantado de Galiza, morto na balha d'Aljubarrota.

Violante da Silveira trajava de seda azul celeste; Mafalda Gomes, estava toda vestida de branco, sem joias, nem ornatos; era essa então a fórmula porque o lucto se trazia, e não preto, como só depois no fim desse seculo começou a usar-se.

Os olhos de Garcia Pereira se turvaram... uma lagrima hia escapar-se a furto, quando um sinistro olhar de Vasco Gomes de Seixas, veio calcina-la... Era o amor quem a tinha destillado do alambique do coração; era o ciume quem a carbonisava, repassando-a de seu fogo requintado...

Mas qual dessas trez damas arrancou essa lagrima d'amor do mais secreto d'alma ao gentil cavalleiro Garcia Pereira?

Qual dessas trez formosas damas accendeu esse fogo do ciume fragoado nos olhos de Vasco Gomes de Seixas?

— A mēsa está servida, minha nobre senhora. —

Isto disse um pagem que entrou correndo, e veio beijar sobre as duas faces, e sobre a linda boca nacarada a nobre dama do castello, que acabava apenas de assentar-se, e que d'improviso colheu; tão rápida sua entrada havia sido.

— E quem era esse pagem tão ousado? —  
(Continuar-se-ha).

J. P. de M. S.

### Synopse da Legislação do segundo semestre de 1845.

Portaria de 6 d'Agosto, recommendando que as Authoridades Administrativas prestem todo o auxilio e coadjuvação de que carecerem os officiaes e praças de pret do Corpo de Engenheiros, encarregados dos trabalhos de triangulação do Reino, e que tractem da conservação das balizas indispensaveis a taes trabalhos, procedendo contra os que nelles cauzarem damno. — (*Diario do Governo de 7 d'Agosto*).

Portaria de 6 d'Agosto, com instrucções sobre o modo como os competentes funcionarios devem confeccionar o Relatorio sobre a administração litteraria e scientifica. — (*Diario do Governo de 11 d'Agosto*).

Portaria de 9 d'Agosto, approvando a deliberação do Conselho de Districto de Portalegre e da Camara d'Elvas sobre o restabelecimento do partido de cirurgia de Villa Boim, que havia sido suprimido. — (*Diario do Governo de 11 d'Agosto*).

Portaria de 8 d'Agosto, authorisando o Conselho Superior de Instrucção publica, para fazer imprimir por conta do Estado uma selecta, composta das passagens dos Classicos Portuguezes. — (*Diario do Governo de 12 de Agosto*).

Portaria de 12 d'Agosto, com algumas instrucções para as Juntas do Lançamento das Decimas e impostos annexos, sobre os seus respectivos trabalhos. — (*Diario do Governo de 13 d'Agosto*).

Portaria de 13 d'Agosto, sobre os exames e diplomas de capacidade que devem ser conferidos aos alumnos que forem approvados nas differentes materias que se ensinam no Lyceo Nacional de Lisboa. — (*Diario do Governo de 15 d'Agosto*).

Tractado de 26 de Junho, entre as Nações de Portugal e Hespanha, regulando as attribuições e prerogativas dos Agentes Consulares de ambas as Nações. — (*Diario do Governo de 18 d'Agosto*).

Portaria de 11 d'Agosto, resolvendo que a cobrança dos cinco por 100 estabelecidos pela Lei de 12 de Dezembro de 1844 se deve entender extensiva aos impostos additionaes sobre as mercadorias estrangeiras e cereaes, e augmento dos emolumentos das Alfandegas. — (*Diario do Governo de 20 d'Agosto*).

Decreto de 14 d'Agosto, organisando a Instrucção Primaria nas Provincias Ultramarinas. — (*Diario do Governo de 30 d'Agosto*).

Decreto de 23 d'Agosto, regulando o modo os Agentes do Ministerio Publico se devem haver quanto á sustentação dos prezos indigentes e á policia das cadēas, cuja administração passe a ser do cargo delles.

Portaria de 30 d'Agosto, declarando que a Legislação remittida para uso do Tribunal da Relação, de suas Repartições dos Juizes de Direito e dos Juizes Ordinarios deve ser guardada nos competes Archivos como propriedade dos mesmas Juizes e não do pessoal delles. — (*Diario do Governo de 3 de Setembro*).

Portaria de 23 d'Agosto, sobre aforamentos, erudições de fóros pertencentes a cabidos, capellas, e outras pessoas ecclesiasticas. — (*Diario do Governo de 4 de Setembro*).

Portaria de 3 de Setembro, ordenando o cumprimento do Decreto de 23 d'Agosto sobre a administração relativa á sustentação dos prezos indigentes, e á policia das cadēas.

Portaria de 20 d'Agosto, declarando que em certa subrogação de bens vinclados por Incrição da Junta do Credito Publico não ha logar o pagamento da Siza, porque a subrogação vincular devendo ter um valor igual ao dos bens que liberta, não ha excedente sobre que se deva calcular Siza. — (*Diario do Governo de 5 d' Setembro*).